

JOVENS
DE UM NOVO TEMPO,
DESPERTAI!

KENZABURO
OE



- 9 1. CANÇÕES DA INOCÊNCIA,
 CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA
- 41 2. UM FRIO MENINO DE PÉ
 NO AR EM TUMULTO
- 83 3. DESCE, DESCE, CORTANDO
 A IMENSIDÃO COM GRITOS
 DE AFLIÇÃO
- 105 4. O ESPECTRO DE UMA PULGA
- 155 5. A ALMA DESCE COMO ESTRELA
 CADENTE ATÉ O OSSO DE MEU
 CALCANHAR
- 199 6. QUE A ALMA ACORRENTADA
 SE ERGA E OLHE EM VOLTA
- 258 7. JOVENS DE UM NOVO TEMPO,
 DESPERTAI!
- 321 SOBRE O AUTOR
 E A TRADUTORA

1. CANÇÕES DA INOCÊNCIA, CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA

Sempre que vou ao exterior por períodos mais ou menos longos, até mesmo a trabalho, e me transformo num ser sem raízes em ambiente desconhecido, tomo uma medida que me ajuda a enfrentar eventuais crises ou ao menos a preservar o equilíbrio emocional. Tal medida consiste apenas em levar comigo os livros que eu lia antes de partir. Neste momento, por exemplo, estou realmente sozinho em terra estranha, mas venho conseguindo me recompor dos efeitos

de sustos, exasperações e melancolia que me acometem ao continuar a leitura dos mesmos livros que lia poucos dias antes em Tóquio.

Nesta primavera, viajei pela Europa. Ou melhor, eu e uma equipe de televisão cobrimos às pressas a rota de Viena a Berlim, em cujo percurso não encontrei nenhum sinal de verde, já que não havia brotos nas árvores, e em matéria de flores vi apenas as que desabrocham antes das próprias folhas, como as forsítias de agressivo amarelo e os açafrões, cujos botões também desprovidos de folhas despontam diretamente sobre a terra. Na viagem, levei comigo quatro livros de Malcolm Lowry da coleção Modern Classics, da Editora Penguin, escritor que eu vinha lendo de maneira ininterrupta nos últimos dois ou três anos. Aliás, não só lendo como também cuidando de anotar as metáforas que essa leitura fazia explodir em minha mente para, com base nelas, escrever uma série de peças curtas. Eu decidira ler mais uma vez esse autor ao longo da viagem e ao fim dela dizer: “Muito bem: agora, o ciclo Lowry está encerrado para mim”. Em seguida, daria os livros de presente a meus companheiros de viagem. Em minha juventude, nunca fui capaz de me ater por muito tempo à leitura de um único escritor, premido como me sentia pela ansiedade. Uma vez passada a idade madura, porém, percebo afinal a existência de um grupo de autores sobre o qual gostaria de focalizar a atenção desde a velhice até o momento de minha morte. Eis por que sou às vezes obrigado a encerrar o ciclo de leitura de alguns autores dessa maneira deliberada.

No decorrer desta viagem em que me desloquei por diversos pontos num ritmo vertiginoso nunca antes experimentado por mim — mas durante a qual, apesar de tudo, consegui manter agradável relacionamento com a equipe televisiva,

que se movimentava de acordo com a peculiar lógica dessa profissão — fui, portanto, lendo um a um, no interior de aeronaves e de trens, ou ainda em quartos de hotéis, os livros de Lowry que eu grifara com tinta vermelha em inúmeras ocasiões anteriores. E então, momentos antes de o trem chegar a Frankfurt, onde a tarde caía, tive a oportunidade de me sentir uma vez mais fortemente atraído por um trecho do romance *Forest Path to the Spring* [Uma passagem para a fonte na floresta], na minha opinião uma das obras mais belas de Lowry, em que o narrador, ele próprio escritor e compositor, eleva uma prece rogando inspiração divina.

Digo uma vez mais atraído porque, embora a prece já me houvesse impressionado vivamente numa leitura anterior a ponto de me fazer citar sua metade inicial num de meus romances, o que atraíra dessa vez minha atenção tinha sido a metade final, isto é, o trecho que se segue àquele que antes me parecera tão importante. Frustrado em sua tentativa de compor uma música que teria por tema um mundo novo onde o próprio narrador renasceria, ele clama “ó Senhor meu Deus”, e suplica: “Eu, repleto de pecados, não consigo me livrar dos maus pensamentos, mas permiti-me ser verdadeiramente vosso servo transformando esta obra em coisa grandiosa e bela, e se meus motivos são obscuros, e as notas dispersas e com frequência inexpressivas, ajudai-me por favor a ordená-las, or I'm lost...”*

E foi essa quase meia linha final transcrita acima na língua original que, realçada é claro pelo contexto, atraiu

* “*I, being full of sin, cannot escape false concepts, but let me be truly Thy servant in making this a great and beautiful thing, and if my motives are obscure, and the notes scattered and often meaningless, please help me to order it, or I am lost...*” (N.T.)

minha atenção de maneira particular. Senti que recebia um sinal: “Vamos, é chegada a hora de se despedir de Lowry e de mergulhar num novo mundo, onde deverá permanecer alguns anos outra vez”, dizia a voz, talvez de um patrono, a me indicar com gentileza mas claramente o conjunto das obras de certo poeta... Era noite de domingo, e recrutas que tinham voltado para casa na sexta-feira estavam de partida outra vez para suas bases. Enfileirados junto às janelas no corredor do vagão-dormitório, alguns jovens soldados que mais pareciam estudantes despediam-se da cidade arrancando um som alto e prolongado de pequenas trombetas providas de válvulas de compressão, enquanto diversos outros, que ainda continuavam na plataforma, eram persuadidos a embarcar por suas namoradinhas de ar adolescente. Casais abraçavam-se ainda uma última vez com pena de se separar. E o fato de eu próprio ter desembarcado no meio dessa multidão confusa constituiu-se também em mais um motivo para aclarar a minha própria ideia de despedida.

Ao sair da estação rumo ao hotel, eu já levava comigo as obras completas de William Blake editadas pela Oxford University Press num único volume, que eu comprara na livraria da estação ferroviária enquanto esperava a equipe televisiva descarregar o numeroso equipamento. E depois de muitos anos, mais de dez, talvez, tornei a me concentrar na leitura de Blake a partir dessa noite. Abri o livro e a primeira página trazia os seguintes versos: “Pai! Pai! Aonde vais?/ Ah, não andes tão depressa./ Fala, pai, com teu filhinho/ senão me perderei...”. Esta última linha, na língua original, é “*or else I shall be lost*”.*

* “*Father, father, where are you going/ O do not walk so fast./ Speak father, speak to your little boy/ or else I shall be lost...*” (N.T.)

Eu havia traduzido o trecho acima catorze anos atrás — (após cuidadoso exame dei-me conta de que na verdade mais tempo transcorrera além dos “muitos anos, mais de dez, talvez” mencionados acima, e que nos últimos tempos venho incorrendo com frequência em erros semelhantes ao relatar fatos passados) — e o inserira num romance escrito na época com o intuito de superar uma crise especialmente grave surgida entre mim, o pai, e meu primogênito deficiente. E não seria o fato de estar naquele momento pressentindo a aproximação de nova crise semelhante entre mim e meu filho a razão de me sentir atraído pelo universo desse poeta que sobre mim exercera influência tão especial, e de a ele tentar retornar? Caso contrário, por que haveria eu de sentir vínculo tão íntimo entre as frases “*Or I am lost*”, de Lowry, e “*Or else I shall be lost*”, de Blake? Insone numa cama de hotel em Frankfurt, apaguei inúmeras vezes a luz da cabeceira enquanto meus pensamentos inquietos acabavam sempre por retornar ao livro de Blake, em cuja capa vermelha havia o desenho em preto de um homem nu prestes a tombar.

Por ocasião do nascimento do meu primogênito, que veio ao mundo com malformação craniana, eu havia escrito um romance em que citava uma frase de Blake. Hoje, pergunto-me com certo assombro como é que me fora possível ter na memória essa passagem de Blake numa época em que, jovem ainda, meu repertório de livros lidos era insignificante e, além do mais, juntar a essa citação a descrição de uma xilogravura do próprio Blake constante no livro *Viagem ao Egito*, cujo tema é a peste. “*Sooner murder an infant in its cradle than nurse unacted desires...*” Melhor matar uma criança no berço do que acalentar suas ambições incipientes, traduzi eu há vinte anos, época em que escrevi esse romance.

Pois a estrofe final de “O menino perdido” em *Canções da inocência* que citei acima diz: “A noite estava escura, o pai ausente/ O menino ao sereno se molhou/ O pântano era fundo, ele chorou/ E a névoa se esvaiu completamente”.*

Março chegava ao fim, mas em Frankfurt ainda havia névoa ao entardecer. Dentro de duas ou três semanas seria Páscoa, data em que o povo europeu comemora morte e renascimento entrelaçados em grotesco realismo, e que até então eu só conhecia conceitualmente; naquele momento, porém, senti compreender pela primeira vez por que esse povo aguarda a data com tanta ansiedade e a festeja com tamanha pompa. Tais eram meus pensamentos enquanto contemplava, da janela onde fui parar, insone, as ruas ornadas por gigantescas castanheiras-da-índia, em cujos galhos não havia ainda sinal de brotação e em cujas copas negras e nuas a névoa enroscada aninhava a luz proveniente das lâmpadas dos postes...

Quando desci no aeroporto de Narita, a primavera japonesa estava quase terminando, e embora eu mesmo sentisse espírito e corpo se descontraírem ante a leveza da estação, a disposição tanto de minha mulher como de meu segundo filho, que vieram me buscar, parecia não se coadunar com a minha. Em vez de embarcarmos em um ônibus do aeroporto rumo a Hakozaki, como sempre fazíamos, tomamos o carro que a rede de televisão havia posto à minha disposição. Mas mesmo depois de acomodados no interior do veículo, os dois não tentaram romper o silêncio. Largados sobre o assento

* “*The night was dark no father was there/ The child was wet with dew./ The mire was deep, & the child did weep/ And away the vapour flew.*” (N.T.)

do carro com ar exausto, davam a entender que haviam, à maneira deles, travado duro combate em circunstâncias adversas. Embora eu soubesse que minha filha não pudera vir me buscar por estar sobrecarregada com lições e provas, agora que cursava o último ano ginásial, a ausência de meu filho mais velho me era incompreensível, mas tanto minha mulher como meu segundo filho nada diziam a respeito.

A princípio, corri o olhar pela paisagem que se descor-tinava à luz vacilante do entardecer, mais interessado num bosque com brotos vigorosos despontando das árvores do que em procurar restos de floradas. Aos poucos, porém, insinuou-se em minha mente, com uma ponta de ansie-dade, a lembrança de que, na metade final da viagem, eu me abstraíra diversas vezes durante a leitura de Blake por pressentir que uma nova crise na relação entre mim e meu primogênito se avizinhava, crise que aliás envolveria a fa-mília inteira. E com o intuito de me escudar contra o cho-que do momento em que minha mulher, com seu ar exaus-to, me revelasse alguns sintomas dessa crise que realmente já começara, eu também me mantinha em silêncio, apenas contemplando os brotos no arvoredo, dando-me conta ao mesmo tempo de que protelava o instante em que me veria obrigado a perguntar: “E como tem passado Iiyo?” —, pois assim chamarei meu filho deficiente, do mesmo modo que em alguns de meus romances anteriores.

Mas o percurso entre o aeroporto de Narita e minha casa, em Setagaya, é realmente longo. Em algum momento minha mulher com certeza quebraria o silêncio. E uma vez quebrado o silêncio, ela não teria outro recurso senão fa-lar dessa situação que lhe abafava a alma como um manto negro. E então minha mulher me relatou numa voz baixa e deprimida que soou incerta como a de uma criancinha:

“Iiyo se comportou mal, muito mal!”. E o que em seguida me disse, num tom contido que traía a preocupação de não ser ouvida pelo motorista, foi o seguinte.

Cinco dias depois de eu partir para a Europa, um estranho tipo de obsessão pareceu tomar conta de meu primogênito, que se tornou violento. Sobre a natureza dessa obsessão, minha mulher não quis falar nem no interior do carro, certamente por julgar que soaria inusitado aos ouvidos do motorista, nem logo depois de chegarmos em casa; ela só foi me esclarecer de fato depois de ajustar a fralda noturna em Iiyo e de pô-lo na cama. Ele estava para passar do primeiro para o segundo ano colegial de uma escola especial para deficientes, e naquele dia, o primeiro das férias escolares da primavera, sua classe organizara uma pequena reunião familiar de despedida. Alunos e parentes se reuniram no Parque Familiar Kinuta, situado nas proximidades da escola e, a dada altura, resolveram brincar de pega-pega. Ficou estabelecido que os filhos seriam os pegadores e que cada um perseguiria a própria mãe. E no instante em que minha mulher começou a correr em companhia das outras mães, ela viu, apesar da distância, que meu filho se tornava frenético. Apavorada, ela parou, momento em que meu filho a alcançou e a derrubou com um golpe rasteiro de judô, cuja técnica aprendera na escola durante as aulas de educação física. Jogada de costas no chão, minha mulher sofreu não só corte hemorrágico no couro cabeludo como também concussão cerebral que a impediu de se erguer por alguns momentos. Professores e mães presentes insistiram com meu filho para que se desculpasse, mas, com as pernas afastadas e plantadas com firmeza no chão, ele continuou em obstinado silêncio a olhar ferozmente para baixo.

Depois de chegar em casa naquele dia, minha mulher, preocupada, observou o comportamento do primogênito e o

viu entrar no quarto do irmão menor para atormentá-lo com gravatas e empurrões. Contudo, orgulhoso como era, o irmão menor não havia chorado nem se queixado à mãe. E mesmo agora, no interior do carro, ouvia o relato da mãe rígido e cabisbaixo, como se sentisse muita vergonha, sem negar nenhum dos fatos que estavam sendo reportados. Quanto à minha filha, sempre prestimosa e pronta a cuidar até das fraldas do irmão mais velho excepcional, viu sua dedicação ser recompensada com hostilidade, e dele chegou a levar um soco no meio do rosto, cena também presenciada por minha mulher. Como fatos semelhantes se sucederam, minha família, intimidada e até irritada, deixou de se importar com o primogênito que, sem ter o que fazer em seu período de férias escolares, passou a ouvir música no toca-discos em volume altíssimo durante o dia inteiro. E depois — isto também me foi contado por minha mulher tarde da noite em que cheguei em casa —, cerca de três dias antes, enquanto o resto da família ainda jantava agrupado num canto da sala (ninguém conseguira acompanhar a alucinante rapidez com que meu primogênito terminara a refeição, já que empurrara de uma só vez para dentro da boca quase toda a comida que havia no prato), Iiyo trouxera uma faca da cozinha, empunhara-a diante do peito com as duas mãos, postara-se ao lado de uma cortina no canto mais distante da família e ficara observando o jardim às escuras, aparentemente perdido em pensamentos...

— Achei que a única solução seria interná-lo num hospital. Ele já se igualou a você em peso e altura, e nós não podemos mais com ele... — disse minha mulher.

Ela então se calou. Depois disso, nós todos, inclusive meu segundo filho, que se conservara mudo o tempo inteiro, quedamo-nos completamente imóveis pelo longo trajeto restante, como se uma sombra gigantesca e sinistra nos envolvesse.

Embora àquela altura eu ainda não tivesse ouvido nada a respeito do episódio da faca ou da estranha ideia fixa que se apossara de meu filho, senti que se tornava difícil enfrentar o cansaço acumulado durante a viagem à Europa.

Então, num claro processo involutivo que nos acomete nesse tipo de situação, antes ainda de examinar com atenção o que minha mulher acabara de me contar, optei por desviar meus pensamentos e por me lembrar de outro poema de Blake. Contudo, em atenção à minha mulher sentada a meu lado com meu segundo filho posto de permeio, não cheguei a retirar da mochila sobre os meus joelhos o livro de Blake editado pela Oxford University Press.

Em *Canções da experiência*, há um poema bastante conhecido no qual o menino do título vem acompanhado de artigo indefinido, “Um menino perdido”. Diferente do menino precedido por artigo definido em *Canções da inocência*, o primeiro tem personalidade independente e desafia o pai. “Ninguém mais que a si mesmo a outrem ama/ Nem dessa forma a outro alguém venera./ Nem tampouco se pode imaginar/ Que alguém maior do que si próprio seja./ Como posso então, meu pai,/ Amar mais a ti ou a qualquer dos meus irmãos?/ Eu te amo tal como ama um passarinho/ Que migalhas recolhe à tua porta.”*

Ao ouvir isso, um inspetor que se achava a seu lado enureceu-se e, não contente em apenas arrastar o menino à prisão, acusou-o também de ser um demônio. “Em lugar santo foi ele queimado/ Tal como muitos outros antes

* “Nought loves another as itself/ Nor venerates another so./ Nor is it possible do Thought/ A greater than itself to know./ And Father, how can I love you,/ Or any of my brothers more?/ I love you like a little bird/ That picks up crumbs around the door.” (N. T.)

dele:/ Os pais chorando em vão se lamentaram./ Coisas assim ainda acontecem em Albion?"*

Finalmente, o carro que levava a deprimida família chegou em casa, e minha filha surgiu no vestíbulo às escuras enquanto descarregávamos as malas. Assim como a mãe e o irmão menor, ela também me pareceu claramente abatida, mas, ao vê-la, ao menos senti dissipar-se a inquietação e a pergunta que eu não havia conseguido formular à minha mulher ainda no carro: "Tem certeza de que podia ter deixado os dois sozinhos em casa neste momento em que a relação entre vocês e Iiyo está tão comprometida?". E então, ainda que sem grande entusiasmo, cumprimentamo-nos com exclamações de alegria pelo reencontro e fomos todos para a sala de estar, onde, acomodado no sofá, Iiyo continuava a ler uma revista de sumô. Vestindo a calça preta do uniforme escolar grande demais para ele e uma camisa velha minha, esta, ao contrário, pequena demais, estava ajoelhado sobre o sofá com as nádegas para o ar e, nessa posição insólita, acompanhava atentamente na revista a pontuação obtida pelos lutadores de sumô da segunda divisão no campeonato da primavera, recém-terminado. Eu via algo ambivalente nas costas e nas pernas de meu filho. Durante toda a minha viagem, meu *alter ego* permanecera ali, mas, ao mesmo tempo, ali também havia estado o meu filho firmemente resolvido a me repelir. Embora fosse natural para mim sobrepor a minha imagem à de meu filho, semelhante a mim em peso e altura, assim como no aspecto levemente encurvado das costas gordas e no hábito de passar os dias a ler

* "And burn'd him in a holy place/ Where many have been burn'd before:/ The weeping parents wept in vain/ Are such things done on Albion's shore?" (N. T.)

naquele mesmo sofá — no meu caso, deitado de costas —, percebi também que meu filho (assim como o outro filho que era meu *alter ego*) rejeitava o pai claramente naquele momento, não de modo simples e circunstancial, mas por um processo basal, tortuoso e ininterrupto.

— Iiyo, papai chegou. E como foi o campeonato de sumô? Asashio ganhou? — perguntei, ao mesmo tempo que sentia sobre mim o peso real da depressão que envolvia o resto da família.

Mas até então eu ainda não tinha visto os olhos de meu filho. E foram seus olhos que, na noite do meu retorno, me puseram frente a frente, sem subterfúgios, com o núcleo do problema que estava por acontecer, ou melhor, que já estava acontecendo... Eu havia comprado uma gaita de boca para ele em Berlim. Meu segundo filho, que havia ganho um canivete suíço, levou a gaita até onde estava o irmão mais velho, mas este, que já tinha se recusado a atender ao meu chamado e a descer do sofá, nem se voltou para olhar o presente. Ele só abriu a caixa de papelão e dali tirou a gaita depois que o interpelei diversas vezes no decorrer do jantar, e ainda assim apenas para, desanimado, manusear, como se fosse algo estranho e temível, o longo instrumento musical que podia ser tocado de ambos os lados — reação que, aliás, considerei inusitada, pois Iiyo não só já lidara com gaitas de boca antes como também demonstrara nos últimos tempos grande interesse por qualquer tipo de instrumento musical e deles fora capaz de obter alguns acordes de imediato. Instantes depois, começou a extrair alguns sons da gaita, mas como a empunhava de viés e soprava num único orifício, o som, simples, lembrava o do vento. Ele parecia temer que, em vez de obter um acorde, uma horrível dissonância lhe morderia a ponta do nariz caso soprasse em dois ou mais orifícios.